

Diários de motocicleta

Categories : [Eco - Extras](#)

De Sérgio Galli

Paulo Bessa,

Gostei muito de sua crônica "Diários de motocicleta". Finalmente alguém clama contra a tirania não só da motocicleta, mas principalmente do automóvel. Não sei dirigir, assim, todo santo dia tenho de encarar uma caminha cheia de riscos. Furar farol vermelho é praxe, mais do que isso, para que é uma vitória para os motoristas. Já que você fala em idade média, quem sabe se a volta do empalamento resloveria. Vamos acabar com o automóvel antes que ele acabe conosco, pois as cidades estão reféns do automóvel e as pessoas, escravas.

Tomo a liberdade de mandar em anexo uma crônica minha sobre o assunto publicada no sítio www.anjosdeprata.com.br.

Cordialmente,

Allegro Misanthropo XII

(ao som do segundo movimento, a marcha fúnebre (*adágio assai*), da terceira sinfônica opus 55 (*Eroica*) de Ludwig van Beethoven)

Ele caminhava e meditava – igual a todos os santos dias – enquanto ia ao trabalho. Há uns sessenta, setenta, oitenta, noventa, cem anos a humanidade acabara e o *homo sapiens sapiens* fora extinto. Em janeiro 1945, o exército vermelho chegava ao portal do inferno – Auschwitz, Cracóvia, Polônia – e libertava os poucos sobreviventes daquele campo de concentração nazista. Em fevereiro, os aliados bombardearam e praticamente destruíram a cidade alemã de Dresden, com a Alemanha já quase derrotada. E maio do mesmo ano, a rendição dos alemães. E, finalmente em agosto, os Estados Unidos da América lançaram as bombas atômicas primeiro em Hiroshima e depois em Nagasaki. A maior carnificina da história sanguinolenta do maior predador e carniceiro dos animais chegava ao fim. Daí surgiu o *homo sapiens demens*. Ele chega ao primeiro semáforo e após alguns minutos de aflição e angústia consegue sobreviver. Já chegaremos às explicações. Pois bem, nesse interlúdio apocalíptico, guerra fria, Vietnã, Argélia, Afeganistão, Líbanos, Sudão, Congo, faixa de Gaza.... *ad infinitum*. E na virada do segundo para o terceiro milênio o advento do *homo demens demens* que definitivamente subjugou o *homo sapien demens*. E é justamente nesse período que surge o *homo automobilis*, a subespécie mais predatória que caminha para se tornar dominante. Ele chega ao segundo semáforo e, tremebundo, sobrevive. Mais um pouco de história. A revolução industrial iniciada em meados do século 19 principalmente na Inglaterra, na esteira dos ideais iluministas da revolução francesa de 1789, e do positivismo, deu início a um progresso científico e tecnológico jamais visto na história, claro, com

um custo social devastador, destruidor e sangrento, mas isso é apenas um detalhe. Não por acaso no mesmo instante em que surgia a revolução industrial surgiu também o movimento luddista (erroneamente chamado de reacionário e retrógrado, é justamente o contrário dessa afirmação) que anos mais tarde ainda seria uma referência. Uma das jóias do progresso foi o automóvel. No começo, inofensivo, apenas mais um meio de transporte a concorrer com charretes, bicicletas, pedestres, uma novidade que deixava todos perplexos e entusiasmados. Logo, o automóvel começou a ocupar espaço e mostrar suas garras. Três monstruosas indústrias surgiram em torno dele: a primeira, óbvia, a automobilística, depois a petrolífera e a de construção civil. Ele chega ao terceiro semáforo.... Primeiro o automóvel ocupou as ruas. Acabou, lenta e gradualmente, com as ferrovias. Exigiu a construção de largas avenidas, auto-estradas velozes e furiosas. Obrigou a expansão desordenada das cidades rumo aos subúrbios, ou seja, grandes deslocamentos das pessoas em direção do trabalho ao lar e vice-versa. Os transportes públicos foram uma breve concessão, restritos aos que ainda não conseguiram adquirir um automóvel. O passo seguinte foi ocupar as moradias. Jardins, jamais, tornaram-se garagens. Nos novos edifícios residenciais ou comerciais, o conforto era para o automóvel e não para os moradores. Assim, um apartamento médio tinha 70 metros quadrados e duas ou três garagens. Agora, já inseguro e temeroso, o quarto semáforo. Ainda está vivo. Ele é invisível aos olhos escurecidos pelo vidro fume do automóvel em que se refugia o *homo automobilis*. Não satisfeito, exigiu as calçadas. Foi prontamente atendido. Surgira o *homo automobilis*. Os poderes públicos – agraciados com generosos e polpudos mimos – foram submendo-se submissamente às pressões das três indústrias – incentivos fiscais para construção de novos parques industriais automobilísticos; invasões e ocupações em países produtores de petróleo (claro, em nome da democracia, da liberdade, e de Deus); novos viadutos, túneis, avenidas, estradas. O critério ou o índice para sae mediar a “saúde” da economia era o aumento das vendas do automóvel. Ao mesmo tempo, as cidades diariamente conviviam com enormes congestionamentos. O noticiário era tedioso e enfadonho: todo santo dia uma repórter dentro de um helicóptero percorria as principais vias e repetia o jargão de sempre: “congestionamento chega a tantos quilômetros. Recorde do ano.” Em seguida, entra a propaganda de uma montadora! As cidades tornaram-se reféns do automóvel e as pessoas escravas do *homo automobilis*. Esbaforido olha para os lados, quinto semáforo. A chamam isso de acidente de trânsito. Por que não crime? Pergunta inconveniente. Ar irrespirável. Calor insuportável. Deserto concreto. Chumbo. Dióxido de Carbono. Enxofre. Os gases exalados pela flatulência do *homo automobilis* contaminaram o ambiente. Para se proteger dos raios ultravioletas que romperam a camada de ozônio, o *homo automobilis* confinou-se em seu veículo, protegido por vidros escuros, camadas de blindagem. Além disso, por um processo darwiniano adaptativo, ao aparelho auditivo esquerdo foi acoplado o telefone portátil. Impedido de sair por causa do ambiente inóspito e selvagem (numa cultura individualista, consumista, narcisista e egoísta, não teve incômodo nenhum) esse novo membro foi de muita utilidade. Em seu novo domicílio-casamata, o *homo automobilis* se alimentava com pedidos aos serviços de entrega a domicílio (pizza, hambúrgueres, refrigerantes, cervejas de quinta categoria, etc, e claro, água, o produto mais raro e escasso). Mas o barulho ensurdecedor expelido pelo automóvel tornara-se insuportável e nada o aplacava (aquele ruído estridente que rugia das rádios instaladas nos automóveis só tornava o problema ainda mais tonitruante). Tantas poluições causaram uma

epidemia de cânceres, depressões, estresses, acidentes vasculares cerebrais. Metástase urbanística/automobilística/tecnológica/desenvolvimentista/iluminista/irracionalista. Mas a fúria desse predador de lata era insaciável, ilimitada. Hora de atacar/acabar/invadir parques praças, jardins das casas, jardins botânicos, hortos florestais, uma árvore em pé deve logo ser abatida. Logo, tudo isso virou estacionamento, claro, instalou-se uma guerra com direito a mortos e feridos. Tudo isso por causa de um monte de lata de 300 quilos. Sabedoria ímpar. Com um apetite insaciável, o *homo automobilis* exigia mais e era prontamente atendido. O governo apresentou um projeto de lei que acabava com a indústria da multa e o departamento de trânsito. Mandava desligar os semáforos e apagar as faixas de pedestres. E determinava um prêmio pecuniário para quem atropelasse e, consequentemente, eliminasse um pedestre (vulgo otário). Removido o estorvo (o pedestre) o mundo livre e o livre mercado não tinham mais obstáculos pela frente, pedras do meio do caminho. Além disso, ganhava pontos na carteira e a cada 10 pedestres eliminados, concorria a um superprêmio. Essa premiação merecia algo portentoso, megaespetáculo, tipo essas Grandes Convenções promovidas por Mega Corporações (por exemplo, montadoras [sic]) em que os melhores dos melhores, os empreendedores, são homenageados, condecorados, recebem patentes militares, seguido de um coquetel com direito a show de strip-tease. Assim, numa dessas Convenções, o *homo automobilis* se levantava e anuncia que em uma hora havia exterminado doze pedestres. Ovações, gritos histéricos. Hinos eram tocados. Marchas militares. Glórias. Aleluias. Homenagens ao vitorioso. A medida previa a extinção lenta e gradual dos pedestres para que as vias e as calçadas fossem totalmente liberadas para o tráfego de automóveis, que teriam apenas de suportar os inevitáveis congestionamentos. Preço do progresso. O objeto claro do desejo era satisfeito. Sucesso não tem preço. Desce redondo. A máquina mortífera triunfou. A máquina assassina triunfou.

Ele chega ao sexto semáforo, verde para pedestre, respira fundo, sobreviverá ao sétimo?

Sugestão de leitura: “Apocalipse motorizado”, Ned Ludd, Conrad Editora.